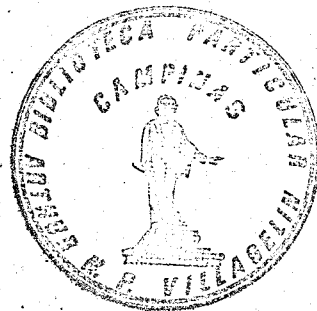


AVENIDA MONTE CASTELO



Lei n. 532, de 2 de Maio de 1951

Dá o nome de «Monte Castelo» a uma Avenida da cidade

A CÂMARA MUNICIPAL DECRETA E EU, PREFEITO DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS, PROMULGO A SEGUINTE LEI:

Artigo 1.º — Fica denominada “Avenida Monte Castelo”, a avenida perimetral interna que tem início junto à estrada de Ferro da Cia. Paulista e atravessa, respectivamente, os “Jardins Paulistano”, “Primavera”, “Vila Marta”, “Jardim Proença” e “Guarani”, e termina na confluência das Ruas 4 e 10, dêste último arruamento.

Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 2 de maio de 1951.

DR. ARLINDO JOAQUIM DE LEMOS JR.

Prefeito Municipal, em exercício

Publicada na Diretoria do Expediente da Prefeitura Municipal, em 2 de maio de 1951.

O Diretor,
ADMAR MAIA



LEI N.º 4271, DE 5 DE ABRIL DE 1973.

Dispõe sobre a revogação das Leis N.º 532, de 2 de Maio de 1951 e n.º 912, de 13 de Maio de 1953, que denominam vias públicas de Campinas.

A CÂMARA MUNICIPAL APROVOU E EU, PREFEITO DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS, SANCIONO E PROMULGO A SEGUINTE LEI:

Artigo 1.º — Ficam revogadas em seu inteiro teor as leis ns. 532, de 3 de maio de 1951 e 912, de 13 de maio de 1953, que respectivamente, denominaram "AVENIDA MONTE CASTELO" e "AVENIDA DOS ESPORTES", vias públicas da cidade.

Artigo 2.º — Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 5 de abril de 1.973.

DR. LAURO PERICLES GONÇALVES
PREFEITO MUNICIPAL

Publicada no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, na data supra.

JOSÉ ROBERTO COPPI CUNHA
CHEFE DO GABINETE



DECRETO N.º 4229, DE 5 DE ABRIL DE 1973.
Dá denominação a vias públicas da cidade de Campinas.

O Prefeito Municipal de Campinas, usando das atribuições que lhe conferem o item XIX, do artigo 39, do Decreto-Lei Complementar n.º 9, de 31 de dezembro de 1.969,

D E C R E T A:

Artigo 1.º — Ficam denominadas:

I — “CONDE D’EU” — HERÓI NACIONAL (1842-1922), a rua sem denominação da Vila Lemos, que tem início na Avenida Princesa D’Oeste e término na mesma avenida.

II — “AVENIDA MONTE CASTELO” — a rua formada pela Perimetral Interna no trecho que esta Perimetral pertence ao Jardim Paulistano, Jardim Primavera, Vila Marta e parte do Jardim Proença, com início no leito da Companhia Paulista de Estradas de Ferro e término na antiga Rua 2 do Jardim Proença.

III — “AVENIDA DOS ESPORTES”, a rua formada pela antiga Rua 2 do Jardim Proença, com início na Rua Proença e término na Avenida Princesa D’Oeste.

IV — “AVENIDA IMPERATRIZ DONA TERESA CRISTINA” — TERCEIRA IMPERATRIZ DO BRASIL (1822-1889) — a rua formada pela Perimetral Interna na Vila Lemos e em parte do Jardim Guarani e pela Avenida 3 do Jardim Guarani e Avenida 2 do Jardim Parapanema, com início na rua sem denominação da Vila Lemos e término na Avenida Dr. Manoel Afonso Ferreira.

V — “AVENIDA IMPERATRIZ DONA AMÉLIA” — SEGUNDA IMPERATRIZ DO BRASIL (1812-1873) a rua formada pela Perimetral Interna em parte do Jardim Guarani, com início na Avenida 3 do Jardim Guarani e término na Rua Sinésio Melo de Oliveira.

Artigo 2.º — Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Campinas, 5 de abril de 1973

DR. LAURO PERICLES GONÇALVES
 PREFEITO MUNICIPAL
DR. JOÃO BAPTISTA MORANO
 SECRETARIO DOS NEGÓCIOS JURÍDICOS
ENGR. JOÃO POZZUTO NETO
 SECRETARIO DE OBRAS E SERV. PÚBLICOS

Redigido na Consultoria Jurídica da Secretaria dos Negócios Jurídicos com os elementos constantes do Protocolado sob n.º 14.688/71, e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito na data supra.

JOSE ROBERTO COPPI CUNHA
 CHEFE DO GABINETE

RETIFICAÇÃO

DECRETO N.º 4229, DE 5 DE ABRIL DE 1973.
Dá denominação a vias públicas da cidade de Campinas.

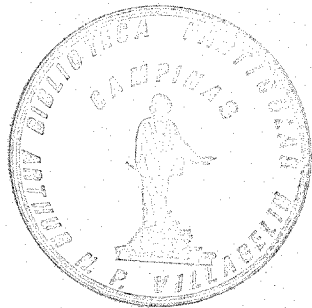
Publica-se novamente o item III do

Artigo 1.º — na rua integral por ter saído com incorreções.

“III — “AVENIDA DOS ESPORTES”, a rua formada pela antiga Rua 2 do Jardim Proença e pela Perimetral Interna em parte do Jardim Proença, com início na Rua Proença e término na Avenida Princesa D’Oeste”.

Campinas, 6 de abril de 1973.

JOSE ROBERTO COPPI CUNHA
 Chefe de Gabinete do Prefeito



Folha da Tarde - SP

NOTÍCIAS MILITARES

EDITOR: CARLOS DIAS TORRES

21-2-1975

As vitórias da FEB há 30 anos

BRASILIA (FT) — Ao reverenciar os expedicionários da FEB mortos durante combate para a posse de Monte Castelo, na Itália, o ministro do Exército, general Sylvio Frota, se referiu ao ceticismo das comunidades, em geral, em relação às virtudes de seus contemporâneos e a sobriedade com que aplaudem seus êxitos. "Dia virá, todavia, em que a posteridade, sempre mais serena em seus julgamentos, há de cantar, com emoção e reconhecimentos, as façanhas desta legião de bravos, nas vertentes dos Apeninos."

Há quinze dias atrás, Sylvio Frota, através de aviso ministerial, determinou as prescrições que deverão ser seguidas no 30.º aniversário das vitórias da FEB. Segundo o aviso, os quatro Exércitos e Comandas Militares deverão promover palestras nas Organizações Militares, além da leitura da ordem do dia e de formaturas. Por sua vez, o I Exército deverá prestar homenagem ao Soldado Desconhecido e fazer uma oração alusiva aos fatos do Monumento Nacional aos Mortos da II Guerra Mundial.

ORDEM DO DIA

Eis a íntegra da ordem do dia do ministro Sylvio Frota que será lida hoje em todas as organizações militares do País.

"A manhã estava fria, no dia 21 de fevereiro de 1945, nos campos da Itália. A neve que cobria os cumes dos morros, estendia-se, como alvamento pelo vale afora.

"O ribombar dos canhões, o sibilar dos projéteis, o crepitar da metralha, o surdo percutir dos morteiros e o estrondo das granadas quebraram, de chofre, a quietude da alvorada e deram ao cenário sua roupagem bélica.

"Os soldados brasileiros, na angústia que antecede ao ataque, aguardavam nas trincheiras a ordem de avançar. Repentinamente, lançaram-se resolutos através da bruma, ainda não dissipada, encosta acima.

"Não houve hesitações; todos eram valentes!

"O objetivo era Monte Castelo, baluarte, até então imbatível, da resistência teuta.

"Escrevia-se, naqueles momentos históricos, mais uma página gloriosa da epopéia da Força Expedicionária Brasileira, na península itálica.

"A luta foi cruenta. Centenas de combatentes da liberdade já haviam perecido nas tentativas anteriores de dominar a cidadela alemã. Numerosas vidas foram, novamente, ceifadas.

"Finalmente, o grito de vitória! o pracinha caboclo plantara, como símbolo de posse, no alto, ainda fumegante, da elevação, o auri-verde pendão para que, também, a brisa frígida de outro continente o beijasse e balançasse.

"Dia virá, todavia, pela Primeira Divisão de Infantaria Expedicionária, o caminho para a arrancada final.

"O combate de Monte Castelo é um magnífico exemplo da cooperação das Armas e dos Serviços, apoiados pelos audazes aviadores do Primeiro Grupo de Caça. Nele ombrearam-se pela coragem e abnegação todos os brasileiros, desde o soldado humilde — não menos heróico —, até ao austero e querido chefe que, com tanta nobreza e estoicismo comandou as tropas no além-mar.

"É oportuno ressaltar, àqueles que não vieram os momentos épicos de nossa participação na II Guerra Mundial, a importância da conquista, pelo Exército Brasileiro, do ponto-chave do conjunto defensivo alemão. Ninguém melhor para fazê-lo do que o pranteado comandante da Força Expedicionária Brasileira que, em sua análise crítica e objetiva do memorável feito militar, diz, textualmente:

"Monte Castelo, resistindo duramente, três vezes, erigira-se na cidadela da presumida invencibilidade germânica. Para os brasileiros, no entanto, representava um símbolo e um marco na vida da nossa tropa de ultramar. Constituiu o índice do valor da nossa gente. Dignificou a sangrenta forja de nossa agressividade. Traduziu a odisséia anônima das atrevidas incursões de nossas patrulhas, avançando, sob nevascas cortantes no gelo resvaladiço, a se esgueirarem através dos núcleos da defesa inimiga, em busca do prisioneiro e da informação.

"Sumidouro de centenas de vidas patrióticas, sua captura pelas nossas forças constituiu dever de consciência e imperativo de dignidade militar. Foi uma vitória militar e um triunfo moral. Assinalou o início de uma série de vitórias que elevaram o nome do Brasil e o prestígio de nosso Exército".

"Comamorar a tomada de Monte Castelo não é somente festejar o triunfo nacional, ou homenagear os que o destino poupou e regressaram, cobertos de louros. É, acima de tudo, reverenciar, religiosamente, aqueles que tombaram na sangrenta refrega e jamais voltaram aos seus lares distantes. É venerar os heróis cujos corpos insepultos foram encontrados, meses mais tarde, bem próximo ao cimo almejado. Estes, exangues, não tiveram mais vida para prosseguir, contudo, ao penetrarem na eternidade, alçaram-se, pelo sacrifício, ao pedestal da glória.

"As comunidades, em geral, são céticas em relação às virtudes de seus contemporâneos, e sóbrias no aplaudir de seus êxitos.

"Dia virá, todavia, em que a posteridade, sempre mais serena em seus julgamentos, há de cantar, com emoção e reconhecimento, as fa-

"As comunidades, em geral, são céticas em relação às virtudes de seus contemporâneos, e sóbrias no aplaudir de seus êxitos.

"Dia virá, todavia, em que a posteridade, sempre mais serena em seus julgamentos, há de cantar, com

emoção e reconhecimento, as façanhas desta legião de bravos, nas vertentes dos Apeninos.

"Hoje, justamente, há trinta anos do célebre evento, quero homenagear em ti — velho expedicionário — o homem brasileiro que foi a regiões longínquas lutar e defender os valores espirituais de nossa civilização, num repúdio evidente ao totalitarismo; quero venerar contigo a memória dos que repousaram no campo santo de Pistóia, em especial aqueles que, deformados pela vultuosidade, permaneceram anônimos para a Pátria.

GENERAL WALTER PIRES ASSUME A 1.ª DIVISÃO DE EXÉRCITO — RIO (FT) — O general Walter Pires de Carvalho e Albuquerque assumiu ontem o comando da 1.ª Divisão de Exército e Guarnição da Vila Militar, em substituição ao general Edgard Bonnacaze Ribeiro, transferido para a reserva.

A solenidade de posse realizou-se às 10 horas, no estádio do Regimento Sampaio, perante a tropa formada, contou com a presença de oficiais-generais do Exército, Marinha e Aeronáutica, membros da Comissão Militar Mista Brasil-Estados Unidos, autoridades e convidados. Presidiu-a o general Reynaldo Mello de Almeida, comandante do I Exército.

DESPEDIDA

Lidos os atos oficiais e procedida a transmissão do cargo, o general Bonnacaze Ribeiro, ao despedir-se disse, após ressaltar a atuação do Exército em diversos episódios históricos: "Assim ocorreu em Guararapes e se repetiu na expulsão de todos os nossos invasores nas lutas pela Independência, no — nem sempre lembrado — apoio à extinção da escravatura, na proclamação da República, no sufocar de aleatórias rebeliões internas, no rechaçar das agressões externas, na decidida participação, através de uma Força Expedicionária, na II Grande Guerra, lutando pela sobrevivência dos direitos e das liberdades fundamentais do ser humano". E acrescentou: "Assim ocorreu num passado recente, em 1964, quando a Nação se abeirava do abismo, arrastada por maus brasileiros, cegos pelas suas ambições e interesses inconfessáveis. Ainda uma vez mais unidos, Exército e Povo souberam, então, cumprir o seu patriótico dever, salvando o Brasil da anarquia, da derrocada, da submissão a um regime que contraria nossa própria índole, porque, tolhendo a Liberdade, nega a condição humana". E, finalizando: "O Exército — para gáudio de todos nós — tem sabido desempenhar os papéis relevantes que o destino lhe tem confiado na escritura da História do Brasil. E esta linha de conduta é um testemunho inequívoco de que seus chefes, ao longo do tempo, têm sabido se manter como discípulos aplicados das grandes lições deixadas pelo nosso patrono, essa personalidade insigne do marechal Luiz I Alves de Lima e Silva".

O GLOBO - 14. ABRIL - 1977

Ordem-do-Dia de Sylvio Frota exalta ação da FEB na Itália



BRASÍLIA (O GLOBO) — Na ordem do dia referente às vitórias da Força Expedicionária Brasileira na campanha da Itália, que será lida hoje nas unidades do Exército em todo o País, o Ministro Sylvio Frota lembra que "foram as armas totalitárias do nazi-fascismo que fizeram o cemitério de Pistoia". Diz também que "qualquer condescendência ou concessão ao marxismo e, portanto, uma traição à memória daqueles que repousaram no campo-santo, bem como uma afronta aos sentimentos patrióticos dos que voltaram".

É o seguinte o texto da ordem do dia:

"As brumas de um passado de pouco mais de três décadas começaram a esconder os angustiantes e tenebrosos dias da II Guerra Mundial, quando os postulados básicos da civilização ocidental viram-se ameaçados de destruição pela insânia do nazi-fascismo. Passam-se os anos, na inexorável marcha do tempo, sendo, por isto, um dever cívico reavivar às nações; bem formadas os feitos notáveis de seus filhos. A nossa participação, no maior conflito que registra a história, está entre os acontecimentos dignos de serem rememorados.

"Berço de um povo pacífico, porém viril, afastado do caldeirão efervescente da Europa, confiava o Brasil poder manter sua neutralidade diante de uma guerra indiscriminada, a despeito da simpatia de nossa gente pela causa dos Aliados, inspirada na natural repulsa à doutrina expansionista e aos métodos desumanos das potências do Eixo.

"O afundamento, injustificado e traiçoeiro, de navios mercantes nacionais, empenhados no legítimo exercício da navegação de cabotagem ou de comércio internacional, iria tirar do Governo a esperança de afastar-se da luta, que se alastrava a todos os continentes. O estado de belligerância foi então declarado, como a primeira medida para desagrar a Nação, ferida em sua soberania e traumatizada com a perda de centenas de seus filhos, submergidos no oceano pela brutalidade de uma agressão covarde.

"Apesar das enormes dificuldades iniciais, organizou-se a Força Expedicionária Brasileira, que, nos campos de batalha do ultramar, iria provar o dardo do nosso soldado.

"Desembarcado em Nápoles, no momento em que a invasão da Normandia, desfalcava os Aliados, no teatro de operações do Mediterrâneo, de muitas grandes unidades, a Força Expedicionária viu-se empenhada, sem descanso, em missões diversas, desde ações de movimento até a fase da longa e enervante defensiva de inverno. Nesta ocasião, pretendendo-se aliviar a pressão alemã sobre o setor de Bolonha, foram realizados, sob clima inclemente, sem apoio aéreo e em larga frente, quatro malogrados ataques a Monte Castelo, bastião-chave do dispositivo in-

migo. Tal propósito custou a vida de numerosos expedicionários, tombados nas escarpas geladas da sinistra elevação.

"Ao término do inverno, decidiu o Comando aliado retomar a iniciativa, visando a conquista de posições favoráveis à grande ofensiva da primavera. Oferecia-se, assim, nova oportunidade para a captura do baluarte — com fama de inexpugnável — que se transformara em sorvedouro de preciosas vidas.

"Ao cair da tarde de 21 de fevereiro de 1945, quando a penumbra crepuscular começava a envolver os Apenninos, os intrepidos homens do Regimento Sampaio, com o apoio dos fogos precisos da artilharia divisionária e cobertos pelas esquadrilhas brasileiras do 1º Grupo de Caça, dominaram o cume da elevação. Era, finalmente, a vitória, ungindo de heroísmo uma tropa que, na lama, na neve, nas vigílias exaustivas, nas patrulhas arriscadas e, até mesmo nos reverses — que a nenhum exército poupam — enrijecera sua tempera, aumentara a agressividade e aprimorara a eficiência. Entretanto, não foi apenas Monte Castelo o único sucesso importante que colhemos, em solo europeu.

"Castelnuovo — tipo de manobra tática bem planejada e magnificamente executada — foi ação militar da qual podemos, com justiça, nos orgulhar. O valeroso 6º Regimento de Infantaria realizou, neste combate, audaciosos progressos, no flanco dos teutos, pelas cristas ericadas de picos, com o objetivo de cortar-lhes a retirada.

Montese, a mais sangrenta epopéia das nossas armas na Itália, é outra página fulgurante, que dignifica nossas melhores tradições guerreiras. Na jornada memorável de 14 de abril de 1945, do poderoso dispositivo de ataque do IV Corpo de Exército, apenas os brasileiros cumpriram integralmente a missão, cabendo, neste dia, aos bravos do 11º Regimento de Infantaria a glória de conquistar, sob maciço bombardeio da artilharia alemã, a localidade que abria às aliadas as portas do vale do Rio Pó.

"Meus comandados

"Evocando, reverentemente, os êxitos da Força Expedicionária Brasileira, rendemos nossa comovida homenagem aos que pagaram, com o sacrifício supremo de suas vidas, o preço da nossa liberdade e aos que, retornando à Pátria com as cicatrizes honrosas de suas mutilações físicas, cu trazendo, no íntimo de suas almas, as marcas invisíveis, mas indelévels, da terrível conflagração, contribuíram para reforçar, em nós, a convicção de que não se pode transigir com a prepotência.

"Lembremo-nos, igualmente, dos nossos irmãos da Marinha e da Aeronáutica que, nas perigosas águas do Atlântico ou nos céus de aqui e além-mar, bateram-se até a morte pela perpetuação da democracia, conungan-

do conosco dos mesmos ideais e princípios.

"Hoje, turvam-se, novamente, os horizontes com a ameaça do totalitarismo, que, alimentado pela inépcia e tibieza de potências democráticas, ressurgiu da hecatombe, para angustiar a humanidade com o terrorismo, a infiltração corruptora da juventude, com as invasões de países soberanos para acorrentá-los à órbita comunista, e o aviltamento de nossos valores morais e espirituais. É preciso, por conseguinte, recordar, principalmente às novas gerações, que foram as armas totalitárias do nazi-fascismo que fizeram o cemitério de Pistoia. Qualquer condescendência ou concessão ao marxismo e, portanto, uma traição à memória daqueles que repousaram no campo-santo, bem como uma afronta aos sentimentos patrióticos dos que voltaram.

"Interpretando o pensamento de Thomas Carlyle, de que o herói representa uma raça, uma época e uma fé, podemos dizer que os nossos heróis — na cruenta campanha do Velho Mundo — foram, também, símbolos representativos de um povo que, dos cavaleiros nordestinos da Insurreição Pernambucana às frígidas montanhas da península itálica, defendeu sempre a condição de ser livre; de um período histórico, marcado pela violência ideológica, em que a força tenta esmagar o direito e, finalmente, de uma crença inabalável de que as virtudes cristãs são as únicas capazes de conduzir as nações pelo caminho de uma paz duradoura.

"A todos — mortos e vivos — devemos este generoso exemplo de abnegação e de amor à Pátria. Aos meritos tributamos nossa eterna veneração; aos vivos, nossas inextinguíveis admiração e solidariedade."

Palestra

Como parte das comemorações das vitórias da FEB na campanha da Itália, o Comandante Militar do Planalto, General Darcy Lázaro, proferirá hoje, às 14h30m, uma palestra no auditório do Quartel-General do Exército, no Setor Militar Urbano. Comparecerá o chefe do Estado-Maior do Exército, General Fritz Azevedo Manso.

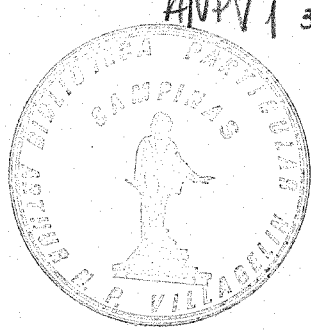
Por ocasião da abertura da reunião, será lida a ordem do dia do Ministro Sylvio Frota.

Em São João del Rei

BELO HORIZONTE (O GLOBO) — O General Antônio Bandeira, comandante da IV Divisão de Exército, com sede nesta capital, preside hoje, em São João del Rei a solenidade de comemoração dos 32 anos das vitórias da Força Expedicionária Brasileira na campanha da Itália. As comemorações em São João del Rei terão destaque especial, pois foi dali que saiu o 11º Batalhão de Infantaria, que conquistou Montese no dia 14 de abril de 1945.

Autoridades civis e religiosas comparecerão ao ato, em que será lida a ordem do dia do Ministro do Exército.

(Jornal "O Globo", do Rio, de 14-abril-1977)



HVVV 1 3503.6

A BATALHA DE MONTE CASTELLO

(Capítulo inédito do livro "A FEB E SEU COMANDANTE")

Comemorando-se hoje a maior vitória das tropas brasileiras nos campos peninsulares, transcrevemos um dos capítulos do livro do Marechal Mascarenhas de Moraes que trata exatamente da "Batalha de Monte Castello". Esse trecho faz parte do livro "A FEB E SEU COMANDANTE", que será lançado pelo Instituto Progresso Editorial desta Capital.

REALIZAÇÃO DO ATAQUE AO MONTE CASTELLO — (21 de Fevereiro de 1945) (92)

Aviões da FEB haviam arremessado a resistência germanica de Mazzancana, numa arrojada participação no combate terrestre e num exemplo inesquecível dos expedicionários do ar e da terra.

As vinte horas do dia 20 de fevereiro, o Batalhão do Major Uzeda (1/10 R.I.) procedeu à substituição de elementos americanos em Mazzancana, passando a noite de 20/21 em verificação agressiva do contacto.

Imperava na tropa brasileira a certeza da vitória. A jornada de 21 de fevereiro assinalaria, de qualquer modo, a captura de Monte Castello. Mostraria a tropa brasileira que a sua técnica e sua agressividade cooperariam decisivamente para o bom êxito do Plano Encore.

Desembocou o nosso ataque à hora prefixada, isto é, às cinco horas e meia da manhã.

As reacções inimigas fizeram-se sentir energicas e crescentes, dando margem a lances imprevistos e flutuações inevitáveis.

O batalhão do major Uzeda progrediu com certa ousadia sobre a crista, enquanto o 11/10 R.I. mantinha a frente atingida, defrontando alguns pontos fortes alemães. (93)

As nove horas, a 5.ª Cia. 11/10 R.I., comandado pelo capitão Valdiruir Sampaio, foi empregada pelo coronel Calado na esteira do Batalhão Uzeda (1/10 R.I.), em virtude desta unidade estar desenvolvendo esplêndido ritmo no seu avanço. Resistências contínuas, entretanto, forçaram, os montanhesez a avançarem e marcar passo ao Norte de Capella di Ronchidos.

Monte della Torraccia oferecia uma reacção indomita ao progresso da 10.ª de Montanha.

Em presença de tal situação, não se realizou o que fóra previsto no Plano Encore: a simultaneidade ritmica nos ataques dos montanhesez e brasileiros a Della Torraccia e Monte Castello, respectivamente.

Não obstante isso, a Divisão Brasileira continuou a atacar, de conformidade com a ordem do general Crittendenberg, vindo, aliás, ao encontro dos desejos da tropa brasileira.

Tirando partido da precisão e violência da artilharia do general Cordeiro da Faria (94), o ataque brasileiro redobrou de fúria e impulso, tendo em vista conquistar Monte Castello — na jornada de 21 de fevereiro, o que seria um índice convincente da agremiação de nossas tropas e um auxílio ponderavel

Marechal Mascarenhas de Moraes

aos montanhesez americanos, contidos pelas resistências de Della Torraccia.

Pouco antes do meio dia, porém, houve alguma balburdia lá para a zona da 10.ª Divisão de Montanha, defrontando o batalhão do major Uzeda (1/10 R.I.), resistências inesperadas e de certo resultantes dos contra-ataques alemães desferidos sobre as valentes tropas do general Hays. Mais tarde, cerca das 14.30 horas, já eliminados os ninhos de Cargé e cota 1036, voltou o 1/10 D.I. a abrir caminho, conquistando então as cotas 930 e 875.

Em concordância com a progressão do Batalhão Uzeda (1/10 R.I.), o 11/10 R.I., por volta das 14.30 horas, contando com o apoio eficaz de nossa artilharia, com a 7.ª Cia., subjugou rapidamente o ponto forte de Fornello. Nessa ocasião o coronel Calado de Castro empunhou o 1/10 R.I. (menos a 5.ª Cia.), realizando assim a pressão sobre a rampa Sudoeste do famigerado baluarte.

Paralela e simultaneamente ao emprego acima mencionado, o Batalhão Romagem (11/11 R.I.) avançava em direcção a Abetala e assegurava valiosa cobertura à acção que contornava a porfiosa resistência de cota 587.

Finalmente, às 17.20 horas a defesa inimiga entrou em colapso (95). Seguiram-se operações de limpeza, com a captura dos defensores remanescentes e a ocupação definitiva das encostas septentrionais do arrogante morro.

A soldagem das novas posições brasileiras em Monte Castello, com a de mais da porção oriental do setor, logo se operou com a ocupação de Abetala pelo Batalhão Romagem (11/11 R.I.). O Regimento Sampaio instalou-se defensivamente nos objectivos conquistados.

Deslucaram-se elementos fortes do Batalhão Franklin (11/10 R.I.) para guarnecer Monte Della Casellina, como postos avançados da Divisão Brasileira, com o duplo objectivo de garantir a cobertura a posições recém-capturadas e assegurar a imediata tomada do movimento ofensivo, apesar de ainda não ser favoravel a situação aos nossos aliados em Della Torraccia (96).

E assim Monte Castello passou para as mãos brasileiras.

Dezenas de cadáveres, muitos deles contendo até munições infernais de destruição, estavam ali a testemunhar o encarniçamento da luta prolongada e a provar a requintada criminalidade das forças que guarneceram o sinistro morro.

Com a captura de tal elevação, escreveu a Força Expedicionaria Brasileira o capítulo mais emocionante de sua vida.

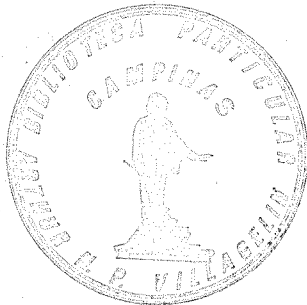
Monte Castello, resistindo durante três meses às investidas das armas aliadas, erigiu-se a cidade da presumida invencibilidade germanica.

Para os brasileiros, no entanto, representará um simbolo e um marco na vida de nossa tropa em terras de ultramar.

Constituiu o indice do valor de nossa gente.

Significou a sangrenta forja de nossa agressividade. Traduziu a obediência anonima das atrevidas incursões de nossas patrulhas, avançando sob nevadas cortantes no gelo resvaladio, a se esgueirarem através dos nucleos da defesa inimiga, em busca do prisioneiro e da informação.

Sumidouro de centenas de vidas patrióticas, a sua captura pelas nossas forças constituiu um dever de consciencia e um imperativo de dignidade militar. Assinalou o inicio de uma serie de vitórias esplêndidas para nossas armas, vitórias que elevaram o nome do Brasil e o prestigio de nosso Exercito.



Três glórias da FEB

General Carlos de Meira Matos

o Jabo 21.2.1969

Transcorre hoje o 24º aniversário dos combates de Monte Castelo, La Serra e Castelnovo, brilhantemente vencidos pela FEB na Itália. O General Meira Matos celebra no texto abaixo esses feitos gloriosos de nosso Exército.

A data que hoje comemoramos é sobremaneira expressiva para as nossas Forças Armadas. Sua significação ultrapassa mesmo o âmbito da glória militar para projetar-se na dimensão de um feito de armas que traz em si o justo motivo de orgulho de uma Nação inteira.

Realmente, antes de ser soldado, o vencedor de Monte Castelo, La Serra e Castelnovo é um brasileiro — produto dessa mescla racial e social admirável que encontrou o caminho de sua integração e de sua afirmação como povo, em um modo de ser próprio em que a bravura, com modéstia, a dignidade sem alardes e a inteligência com engenhosidade, são as marcas mais características. Essas bravura, dignidade e engenhosidade brasileiras, inerentes mais a um povo que a um contingente militar, foram postas à prova há 24 anos passados, na forja ardente e sangrenta dos combates travados nos contrafortes dos Apeninos italianos, pelos representantes desta jovem e pacífica Nação do Novo Mundo que pela primeira vez comparecia ao teatro de uma guerra no Velho Mundo.

Afirmou-se ali a tãmpera brasileira e gloriou-se o seu soldado.

Mas, quem eram os combatentes de Monte Castelo, La Serra e Castelnovo? Homens humildes do povo, convocados para a guerra, na sua maioria, agricultores dos subúrbios da Guanabara e do interior de São Paulo e Minas Gerais, outros retirados de trás dos baúcos e dos escritórios de profissões modestas de várias cidades do País. Chamados a servir, compareceram aos quartéis com orgulho e destemor. Não usaram subterfúgios para fugir ao dever. Sabiam que iriam enfrentar o famoso Exército Germânico de Hitler, mas isto não lhes importava, ao contrário, estimulava-os o desafio. Daqui partiram esperancosos e confiantes.

Quem enquadrava esse punhado extraordinário de civis fardados? Oficiais e Sargentos profissionais, formados na escola do dever e da disciplina, além de jovens e valorosos tenentes da reserva oriundos dos CPOR.

Quem os comandava? Comandou-os na Guerra e comanda ainda hoje a nós todos, com o seu exemplo inigualável de chefe militar austero, competente e capaz, o Marechal Mascarenhas de Moraes, idealizador e batalhador incansável pela construção do imponente Monumento, onde os mortos da FEB pudessem ser lembrados e cultuados diariamente, e em comemorações como esta, para exemplo perene às gerações posteriores. Pela primeira vez assistimos a esta efeméride de 21 de fevereiro após a morte do Marechal Mascarenhas de Moraes, Comandante que levou a tãmpera e FEB do teatro de guerra europeu,

Partiu vencendo dificuldades e incompreensões mil e retornou com a sua FEB coberta de laureis. A pureza de sua glória, como a de Caxias, pertence hoje à História e paira muito acima da opinião dos pigmeus da inveja e da soléira. Já disse Napoleão que

"não há substitutivo para a vitória" e Clausewitz completou afirmando:

"a vitória é a consagração indiscutível".

Neste 24º aniversário dos combates cruentos de uma série em que Monte Castelo é a estrela maior, não poderíamos prestar maior preito aos combatentes dessas refregas, aos mortos e aos vivos, do que entregar a palavra ao Comandante da FEB. Ele nos dirá, com a sua autoridade maior, o que foram Monte Castelo, La Serra e Castelnovo.

Monte Castelo, 21 de fevereiro de 1946, objetivo conquistado pelo nosso 1º Regimento de Infantaria, o Sampaio, no âmbito de uma operação conjunta:

"Com a conquista dessa elevação, escreveu a Força Expedicionária Brasileira o capítulo mais emocionante de sua vida. Monte Castelo, resistindo durante três meses às investidas das armas aliadas, erigiu-se na cidadela da presumida invencibilidade germânica. Para os brasileiros, no entanto, representava um símbolo e um marco na vida de nossa tropa em terra de ultramar. Constituiu o índice do valor de nossa gente. Significou sangrenta forja de nossa agressividade. Traduziu a odisséia anônima de três meses das atrevidas incursões de nossas patrulhas, avançando sob nevascas cortantes no gelo resvalado, e se esgueiraram através dos núcleos da defesa inimiga, em busca de prisioneiros e informações. Sumidouro de centenas de vidas patricias, sua captura pelas nossas forças constituiu dever de consciência e imperativo de dignidade militar. Assinau o início de uma série de vitórias que elevaram o nome do Brasil e o prestígio de nosso Exército".

La Serra, prolongamento do combate de Monte Castelo, levado adiante mais uma vez pelo destemido Regimento Sampaio, foi a culminação de uma série de ações que se estenderam de 23 a 25 de fevereiro. Sobre este combate assim se expressou o Comandante da FEB:

"Desenvolveu-se a ação ofensiva através dos campos minados e de incessantes bombardeios, até a conquista do objetivo, praticamente culminado às 23 horas. Efetivava a captura a La Serra, era de se esperar a reação inimiga. E essa não se fez tardar. Salvo-gu rapidamente e incisiva, prolongando-se por sete horas consecutivas de esforços deses-

perados e resultados infrutíferos para retornar à posição."

Sobre Castelnovo é ainda o Comandante da FEB quem tem a palavra:

"Pouco faltava para as 19 horas (de 5 de março), quando elementos do 6º RI entravam vitoriosos em Castelnovo. Esborçara-se a resistência germânica do terrível baluarte. A manobra de Castelnovo, notável pela precisão do planejamento e fidelidade de execução, deu à brilhante vitória assinalado estilo e acentuada elegância."

Substituindo o conceito do orador pela própria palavra escrita do inesquecível Comandante da FEB, para dizer o que foram os episódios bellicos aqui relembrados, cremos ter propiciado a homenagem que todos nós, hoje, a ele queremos prestar, juntamente aos heróis tombados em Monte Castelo, La Serra e Castelnovo.

O Excelentíssimo Senhor Ministro, General Aurélio Lira Tavares, no desvelo com que vem procurando manter vivo o culto aos nossos heróis, sabe muito bem que está zelando pela continuidade das mais caras tradições de nosso Exército. No processo histórico brasileiro, a presença do Exército é uma constante de bravura, de desprendimento e de amor à Pátria. Nos campos de batalha da Cisplatina, na Campanha do Paraguai, na Campanha da Itália, soube o Exército conservar sempre bem altas essas valiosas tradições.

A Revolução de 31 de Março encontrou o Exército e as suas colirmãs, a Marinha de Guerra e a Aeronáutica, unidos nessa mesma linha tradicional de luta por um Brasil maior, por uma Nação mais próxima de alcançar o seu destino geopolítico de grandeza e de poder. Préis aos valores pelos quais continuamente pelejaram, os mesmos pelos quais morreram os bravos de Monte Castelo, La Serra e Castelnovo, nossas Forças Armadas, hoje aqui representadas pelos seus Ministros Militares e pelos seus mais altos chefes, cultuam os seus heróis e reafirmam, perante eles, as suas convicções e o seu espírito de luta. As Forças Armadas que na II Guerra Mundial souberam apre-sentar-se no campo da batalha, em terra, no mar e no ar, para que o nosso estilo democrático de vida não fosse trágico pela voragem do nazifascismo, continuam de pé e alertas, defendendo os mesmos ideais e princípios democráticos, hoje herdados pela Revolução de 21 de Março, contra os extremistas de todos os matizes, os aventureiros de todos os coloridos e os oportunistas e corruptos de todas as origens que, sob pretextos e artifícios variados, perseguem o caminho do caos, da violência e das desordens, tentando impor aos brasileiros o seu regime autoritário, frio, cruel e opressivo.